

# AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

A Anarquia é esse ideal sublime para o qual tendem tôdas as sociedades modernas.

Bernardino Machado  
(antigo presidente da República Portuguesa)

ANO I

Rio de Janeiro — Sabado, 15 de Junho de 1946

N.º 9

## ROMPIMENTO QUANTO ANTES!

### Chacina, rios de sangue nas prisões de Franco

Por MANOEL PERES

Falar em Democracia e liberdade permitindo que Franco, o mais cruel dos ditadores, continue oprimindo o nobre e heroico povo espanhol é um atentado a esses mesmos princípios e um ultrage à própria dignidade humana.

Há sete anos que terminou a chamada Guerra Civil Espanhola com o triunfo de Franco, mercê da intervenção italo-alemã e indiferença suicida das democracias da Europa, e durante esse tempo, o fatídico caudilho fez assassinar covardemente a mais de 100.000 espanhóis.

Foi o povo espanhol o primeiro a empunhar as armas em defesa da liberdade, e foi em seu território que o nazismo ensaiou os métodos de guerra postos em prática na cruel hecatombe que custou ao mundo mais de 50 milhões de vidas humanas.

Terminou a guerra mundial com o triunfo dos exércitos aliados e a derrota das hordas nazi-fascistas, e não se compreende que, um ano

após esse triunfo, Franco continue no poder, chacinando brutalmente um povo que, pelo seu heroísmo e amor à liberdade, merece o maior respeito e a mais profunda solidariedade.

Nesta hora de confusão internacional, quando os aliados vacilam e discutem se devem ou não romper as suas relações com o fatídico ditador, este, como supremo desafio, comete horrores como os que vamos narrar e que chegaram ao nosso conhecimento por intermédio de "Cultura Proletária".

Eis o relato.

*A Tragedia de Castellon.*

"... Por se haver negado a ajoelhar-se, durante a celebração da missa realizada no pátio da prisão de Castellon de la Plana, a 14 de Abril, foi Manuel Recasens Agusti fuzilado, na madrugada do dia 24 do mesmo mês, no próprio recinto da prisão e em frente a uma representação de presos políticos (um representante de cada cela) forçada a assistir ao crime legal.

O crime foi praticado

contra aquele antifascista por um piquete de soldados, a comando de um garboso capitão e ali mesmo no cárcere, diante de presos políticos, supondo aterrorizarem a homens que, o que menos prezam, é uma vida escrava.

O crime em nome da lei foi levado ao conhecimento da Direção Geral de Prisões, pelo sub-diretor Alejandro Gonzalez Bosan, vulgo - El Sardinero -, que justificou a monstruosidade, inventando um suposto "complot" dos condenados à morte.

No mesmo dia da execução de Recasens, chegou ao cárcere uma delegação da Direção Geral, presidida por Anastácio Martín Nieto, com carta branca. Veio completar a obra. Ordenou a execução de vinte e oito presos políticos. E assim, na madrugada de 25 (vinte quatro horas após a primeira execução), depois de uma voz de comando inconsciente e do disparar das armas de desgraçados não menos inconscientes, nasciam para a

História, os novos mártires seguintes:

*Pascual Luis Gómez, José Diego Torres, Julio Nebot Vilar, Agustín Ventura Ballester, José Arnau Pinol, Ismael Cervera Torres, Bautista Broch Blasco, José Murgu Ferrando, Rafael Gómez Illan, Pascual Cubedo Peris, Juan Rabasa Gumbau, Miguel Tormos Asuara, Bautista Peris Muñoz, Cristóbal Gómez Rubio, José Broch Pre, Vicente José Moles, Bautista Llorens Uzo, José Paus Manrique, Calixto Tormos Martínez, José Bernat Llop, José Maiguez Mamiz, Bautista Daras Fuster, Vicente Navarro Bernat, Francisco Gil Muñoz, Francisco Borja Rosell, Miguel Nebot Guinot, Antonio Candimir Pinero y Bautista Ballester Martí.*

A mesma representação de presos políticos foi forçada a estar presente ao novo ato de bestas feras! Sim, mas tendo diante de si, uma companhia de baionetas caladas viradas contra os seus peitos! As mesmas baionetas, a tremerem, faziam a representação cantar os hinos da Falange, com voz forte, para apagar as canções revolucionárias, que,

deixando os peitos daqueles que iam morrer, enchiam o espaço em solene protesto.

Presente ao ato, o diretor do cárcere fez ver à representação que, se não cantassem os hinos da Falange e dessem outros vivas que não fosse — Viva Franco —, isso acarretaria a morte da totalidade dos presos.

Os muros junto aos quais foram mortos os vinte e oito mártires, testemunham, por vários dias ainda, o crime hediondo, com os pedaços de carne humana incrustados neles e com o sangue que os manchava.

Os cadáveres das vinte e nove vítimas do repelente Franco, estiveram durante dois dias, ao tempo e abandonados, no recinto da prisão provincial!...

\*\*\*

"Eis aí, o vós que tendes dúvida em romper com Franco, eis aí o que conseguiu atravessar, apesar de tudo, os muros da dantesca prisão que hoje o mundo conhece sob a designação de *Espanha Franquista*."

## O problema brasileiro sob o ponto de vista dos anarquistas

EDGARD LEUENROTH

Neste momento de efervecência político social no cenário da vida brasileira, o que é preciso é desfaldar bandeiras refletindo princípios claros e precisos, para serem expostos à aragem benfazeja dos debates públicos.

Sim, que se exponham princípios, pois os homens devem aparecer sempre em função de uma causa, de ideais que objetivem a solução dos problemas que aí estão solicitando todas as atenções e que irão surgindo no turbilhão dos acontecimentos atuais.

Sujeitar o estudo e a solução dos problemas brasileiros à indicação de homens-providenciais, de messias envolvidos por auréolas de onisciências é contribuir para alimentar no povo a mentalidade mística que tem servido de base aos regimes totalitários, contra os quais o mundo vem lutando.

Mas, qual a meta que se busca? Quais os ideais que sacodem o ambiente brasileiro? Em síntese, o que se aspira é pôr fim ao regime de desordem imperante e conquistar uma situação que a todos faculte, desde logo, pelo menos, um melhor teor de vida.

Para isso ser conseguido, é preciso dar combate a todas as formas de tiranias, de explorações e de embrutecimento, vencendo todos os obstáculos que impedem a caminhada pela estrada larga da liberdade, em busca de sempre mais amplos horizontes sociais, que nos conduzam para sempre mais além das injustiças que perturbam a felicidade geral.

O rancho de pau-a-pique em que vivemos ameaça desabar ao impulso de uma ventania mais forte dos varjões de leste. Os esteios roídos pelo cupim exigem substituição, as goteiras da cobertura reclamam uns molhos de sapé precisando-se, ainda, tapar, com punhados de barro, os buracos das paredes e socar terra nos desniveis do chão-batido.

É preciso pô-lo em condições de nos dar morada por mais algum tempo, enquanto cuidamos da mu-

dança. A planta da casa grande já está sendo ultimada, para que não se retarde a sua construção. Será um grande e belo edifício ensolarado, com amplas janelas, por onde entrará muito ar e muita luz. Terá cômodos espaçosos, forrados e assoalhados, e, ainda, uma dispensa farta. Ao mobiliário se juntarão o rádio de televisão e a geladeira, e, na sala do lado, não faltará uma estante de livros. Apressemos-lhe a construção, a tempo do rancho não nos cair em cima.

A guerra que arruinou o mundo, arrasando cidades, devastando os campos, causando mortandades espantosas, espalhando a miséria e a dor, foi a trágica manifestação de mais uma — talvez a última — das crises agônicas da sociedade em que vivemos, baseada no regime do choque de ambições e da exploração do homem pelo homem.

Por isso, o seu edifício estremece em suas bases, desconjunta-se por todos os lados e ruirá ao fragor da hecatombe de uma nova e mais horrível guerra que se prepara.

Os governantes de todos os países vivem em azáfama assoberbante, desdobrando-se numa ininterrupta sucessão de congressos e conferências, de conciliábulos e entrevistas, brotando, de toda essa assoberbante atividade, acordos e tratados de todo o gênero, condenando planos e programas de reformas as mais diversas e com as quais se pretende minorar os tormentos da humanidade. São escoras, colocadas às pressas, nos pontos mais perigosos do edifício periclitante e que ameaça ruir ante o ímpeto tremendo do furacão arrasador que sopra de todos os quadrantes do mundo. São reformas que não permitem alimentar esperanças de salvação, pois sua estrutura está abalada desde os alicerces, patenteando-se a urgência de se cogitar de nova construção.

E surge daí, numa agitação que se estende irresistível pelo mundo afora, um movimento de renovação

social que, para uns, se limitará a melhorias de caráter imediato nas condições gerais do povo e, para outros, deverá chegar até uma transformação completa, com modificações radicais nas bases político-econômicas da sociedade.

Sem dúvida, a humanidade atravessa, neste momento sombrio de sua história, um período de transição, do fim apocalíptico de seus ciclos de civilização para início de outro essencialmente diverso em seus fundamentos.

A instituição baseada no domínio da burguesia demonstrou a sua incapacidade para dar solução aos problemas basilares da comunidade humana, cujos destinos vem manobrando soberanamente.

O que impera é o regime do privilégio, no qual uma minoria tudo maneja de conformidade apenas com os seus interesses particulares, com a sua ambição de ganho. A sua finalidade única é acumular riquezas, embora, para isso conseguir, tenha de causar toda a sorte de misérias e sofrimentos, mesmo à custa dos descalabros das guerras.

Milhões de criaturas passam fome ou vivem sujeitas ao regime de meia ração, enquanto, para permitir os abastados, que já vivem fartamente, ainda acumulem mais riquezas, se limita a produção daquilo que é necessário para alimentar e para vestir quem de tudo precisa.

Havendo multidões de necessidades por todo o mundo, chegou-se a inutilizar quantidades imensas de coisas que custavam ingentes esforços e sacrifícios para serem produzidas; a queimar milhares e milhares de sacos de café e de trigo; a dizimar rebanhos de carneiros; a destruir poços de petróleo; a jogar ao mar ou deixar apodrecer em esconderijos mercadorias que poderiam beneficiar tanta gente! E isso porque? Para elevar os preços de tudo e permitir, dessa maneira cri-

(Conclui na página 4)

# DOCTRINA

## ESSÊNCIA DO ESTADO

Tivemos, várias vezes, ocasião de exprimir nossa profunda repulsa às teorias de Lassalle e de Marx, por eles recomendadas aos trabalhadores, senão como ideal, ao menos como objetivo principal imediato: a fundação do Estado popular que, segundo eles, não seria mais que «o proletariado erguido ao posto de classe dominante».

Se o proletariado, pergunto eu, se torna classe dominante, sobre quem dominará? Ficará, de certo, outro proletariado que será submetido a essa nova dominação, a esse novo Estado. E esse é o caso, por exemplo, da massa camponesa, que, como se sabe, não desfruta da benevolência dos marxistas e que, achando-se em nível inferior de cultura, será provavelmente governada pelo proletariado das cidades e das fábricas; ou, se considerarmos a questão pelo prisma nacional, os escravos cairão, por essas mesmas razões, sob um jugo servil em relação ao proletariado alemão vencedor, semelhante ao que sofre este último em relação a sua burguesia.

Onde existe o Estado, existe inevitavelmente a dominação, por conseguinte a escravidão. O Estado, sem a escravidão, franca ou mascarada, é impossível. Essa é a razão por que somos inimigos do Estado.

Que significa o proletariado erguido ao posto de classe dominante? Seria o proletariado inteiro que se poria à frente do governo? Há, mais ou menos, uns 40 milhões de alemães. Será crível que sejam todos esses 40 milhões membros do governo? O povo inteiro governará, então, e não haverá governados! Mas, assim, não haverá governo, não haverá Estado. Se houver Estado

As apreciações seguintes foram escritas por Miguel Bakúnin em 1873 e acham-se no panfleto *Estatismo e Anarquia*, pag. 286 a 289, da tradução espanhola. Note o leitor como essas palavras proféticas se aplicam, letra por letra, à experiência bolchevista na Rússia e a todos os mais Estados modernos, inclusive os democráticos.

haverá governados, haverá escravos.

Esse dilema resolve-se facilmente na teoria marxista. Entendem eles por governo do povo o governo de uns tantos representantes eleitos pelo povo. O sufrágio universal — direito de eleição por todo o povo dos representantes do povo e dos gerentes do Estado — tal é a última palavra dos marxistas. Mas isso é a minoria do dominante, tanto mais perigosa quanto aparece como expressão da chamada vontade do povo.

Assim, por qualquer face que se estude a questão, chega-se sempre ao mesmo triste resultado: ao governo da imensa maioria das massas do povo pela minoria privilegiada.

Porém, dizem os marxistas, essa minoria será formada de trabalhadores. Sim, de antigos trabalhadores, talvez, porém que, mal vivem governantes ou representantes do povo, deixarão de ser trabalhadores e considerarão o mundo trabalhador lá da sua altura estatista. Já não representarão, nesse caso, o povo, senão a si mesmos e a suas pretensões de querer governar o povo. Quem disso duvide nada sabe da natureza humana.

Porém, esses eleitos serão arduos convictos e, demais, socialistas científicos. Essas palavras socialistas científicos, encontradas amiúde nas obras e discursos dos lassalhanos e dos marxistas, provam, por si mesmas, que o chamado Estado do povo não passará de uma administração bastante despótica das massas do

povo por uma aristocracia nova e pouco numerosa dos verdadeiros ou pseudosábios. O povo não é sábio; será, portanto, eximido das preocupações governamentais e globalmente incluído no rebanho administrado.

Formosa libertação!

Os marxistas bem percebem essa contradição e, reconhecendo que um governo de sábios — o mais pesado, mais ultrajante e mais desprezível do mundo — será, mau grado todas as formas democráticas, uma verdadeira ditadura, consolam-se com o pensamento de que essa ditadura será provisória e curta. Dizem que sua só preocupação e único objetivo será educar e elevar o povo, tanto na parte econômica quanto na política, a tal nível, que todo governo se torne em breve superfluo e o Estado, perdendo todo seu caráter político, quer dizer, de dominação, se transformará numa organização absolutamente livre dos interesses econômicos das comunas.

Temos aqui uma contradição flagrante. Se o Estado for verdadeiramente popular, que necessidade há de abolir-lo? E, se o governo do povo é indispensável para a emancipação real do povo, como se atrevem a chamá-lo popular? Com a nossa polêmica contra eles, forçamo-los a confessar que a liberdade ou anarquia, isto é, a organização livre das massas laboriosas, de baixo para cima, é o objetivo final do desenvolvimento social e que todo Estado, sem executar seu Estado

popular, é um jugo que, por um lado engendra o despotismo e por outro a escravidão.

Dizem que a ditadura — jugo estatista — é um meio transitório inevitável para poder alcançar a emancipação integral do povo; que a anarquia ou liberdade é o objetivo. O Estado, a ditadura, é um meio. Assim, pois, para emancipar as massas laboriosas é preciso, antes de tudo, subjugar-las.

Sobre essa contradição deteve-

se por agora nossa polêmica. Eles afirmam que só a ditadura — a deles evidentemente — pode criar a vontade do povo; mas nós respondemos: nenhuma ditadura pode ter outra mira senão sua própria perpetuação, nem é capaz de desenvolver, no povo que a suporta, outra coisa que a escravidão. A liberdade só pela liberdade pode ser criada, isto é, pela rebelião do povo e pela organização livre das massas laboriosas de baixo para cima.

## OS OBJETIVOS DA REVOLUÇÃO SOCIAL-LIBERTÁRIA

Do livro ALFORRIA — (Diogo A. de Santillan)

### CRITÉRIO ECONÔMICO

Somos libertários ou anarquistas.

Como tais, atacamos a instituição da propriedade e a moral que a tem por base.

No monopólio da riqueza produzida por todos, sem que a parte de cada um possa ser rigorosamente determinada, apropriação individual da terra, dos meios de produção e de comunicação, bem como dos produtos, vemos nós a origem principal da miséria e do aviltamento da grande maioria, da insegurança e inquietação de todos.

Estamos, pois, convencidos de que a única solução para este problema é a seguinte: destruir esse terrível direito de vida e de morte que tem o proprietário, senhor dos meios de produção, sobre o trabalhador desprovido de tudo, socializando, isto é, pondo à disposição de todos a terra, os instrumentos de trabalho, os meios de comunicação, as matérias primas, tudo posto em ação

por todos e em proveito de todos.

Queremos uma sociedade que tenha por fim assegurar a cada um o seu desenvolvimento integral; uma sociedade em que o trabalho, atendendo à satisfação das necessidades dos indivíduos, seja escolhido por cada um e organizado pelos próprios trabalhadores.

\*\*\*

### CRITÉRIO SOCIAL

Tomamos o nome de anarquistas ou libertários, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições políticas que têm por fim impor, a todos, os seus interesses e a sua vontade mascarada ou não com a vontade popular.

Constituindo por si mesmo uma classe privilegiada, o Estado, no caso de subsistir depois de suprimida a classe burguesa, seria levado, pela necessidade da própria conservação, a restabelecer o privilégio, criando um partido

(Conclui na página 3)

## A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA

(Continuação do número 8)

37 — Os parlamentos — Na idade média, os fidalgos, seja, os ricos possuidores de terras — marqueses, barões, condes, duques, etc. rebelaram-se contra a prepotência dos reis e obrigaram-nos a consultá-los nos negócios importantes do reino. Suas assembleias chamaram-se *cortes*. Mais tarde, os ricos não-nobres, industriais, comerciantes, homens da lei, etc., exigiram dos reis que atendessem às suas vontades e deliberações. Suas assembleias chamaram-se *parlamentos*. Destronados os reis e desmobilizados os nobres, veio o regime democrático; o povo, dividido em colégios eleitorais, entrou a eleger representantes seus junto ao imperador, rei, presidente da República, segundo a forma de governo adotado. A assembleia desses representantes são *parlamentos*, ainda, ou congressos.

A função desse parlamento é fazer as leis; mas, na realidade, quem faz as leis são os grandes possuidores ou seus apadrinhados, metidos por eles nos parlamentos. Durante as sessões parlamentares, discutem-se as nugas partidárias, questões de aldeia e província, ambições eleitorais, etc., etc. Ninguém se preocupa com os problemas nacionais urgentes. Eles veem prontos, ou encomendados pelos mandões, pelos homens de dinheiro. Se, por ventura, um deputado novo, não enfiado ainda em todas as artimanhas da

política, resolve quebrar a norma e assumir ares independentes, logo recebe o anátema dos poderosos e, na primeira eleição, é facilmente depurado. Eis aí porque todos os parlamentos modernos são subterfúgios, e, longe de representarem o povo, representam os exploradores do povo. Dos parlamentos, lucram somente os *eleitores* mais cotados; porém, seus lucros são vantagens ilícitas, administrativamente obtidas pelo senador ou deputado, promoções indevidas, contagens de tempo, concessões leoninas e o mais.

Os parlamentos desmoralizam-se em toda a parte. Ninguém confia neles e devem ser, a todo o transe, combatidos por imprestáveis.

38 — O direito — As teorias e leis defensivas da propriedade e regularizadoras da concorrência chamam-se *direito*. Para ter-se uma idéia de quanto contribui o direito na opressão do proletariado e sustento da burguesia exploradora, basta lembrar que foram os romanos, povo conquistador por excelência, os que propriamente constituíram e desenvolveram o direito. Ainda hoje, não há razões de advogado ou sentença de juiz que não venha pejada de citações latinas. Nas escolas de jurisprudência, o estudo de direito romano é obrigatório e essencial.

39 — A superstição da lei — De nada valeriam, no entanto, as leis, se os homens se capacitassem de que são meras fórmulas de

imposição dos possuidores aos não-possuidores para segurança das suas posses e propriedades. Tanto assim, que os possuidores constantemente desrespeitam essas leis quando esse desrespeito é em favor deles e contra os não-possuidores ou pequenos possuidores. Exemplo: a lei estabelece que os juros de empréstimos sob hipoteca sejam de 10% no máximo. Mas, nenhum prestamista cobra aos seus clientes semelhante juro; exigem 12%, 18%, 24%, etc.

Entretanto o Estado, para manter o povo ignorante na obediência ao direito e impedir as revoluções, ensina, por toda a parte, nas escolas, nos quartéis, nas igrejas, o respeito à lei. Cria, assim, uma *superstição* que se entranha na alma do povo e o estupidifica. Habitado a considerar a lei coisa sagrada e intangível, não ousa sequer pensar que seja instrumento tradicional de sua escravidão, nem concebe a possibilidade de suprimi-la, num regime social sem propriedade.

Entretanto, sendo a *anarquia* esse regime, as leis desaparecerão.

40 — Os homens da lei — Na concorrência comercial, ferocíssima luta de ambições grosseiras, surgem diariamente questões, protestos, rixas, crimes, tentativas de fraudes, latrocínios, desavenças, discórdias, desastres, novos negócios, etc. Para regularizar tudo isso, resolver essas pendências, aplicar, em cada caso, os vários

códigos, as inúmeras leis, mantém o Estado um corpo dispendiosíssimo de homens profundamente versados em direito, magistrados ou juizes, cujas decisões são impostas aos contedores e à sociedade pela força armada. Esses magistrados são os *intérpretes da lei*; mas, como as ambições são timosas e inventivas, sempre há meios de sofismar, descobrir escapatórias, sugerir subtilezas, inventar alicantinas, *chicanear*, como se diz no foro. Cada uma das partes contendoras escolhe, para defender seus interesses, um *advogado*, homem igualmente bacharel em direito, laureado em leis. Os advogados discutem perante os juizes, levando a *ação* ou *processo* até sentença final. Cada um deles deve apresentar ao juiz todas as provas das suas asserções. Essas provas vão sendo juntas em volumoso massô chamado *autos*.

Para tornar possíveis as *provas* da propriedade, da posse, de todos os *direitos* do indivíduo é indispensável um local onde, em livros especiais, estejam *registrados* os *títulos* pertencentes a cada possuidor. Esses locais chamam-se *cartórios*, da palavra latina *charta*, que quer dizer *papel*.

Se um indivíduo compra uma casa, por exemplo, terá de mandar lavrar, no cartório de um *tabelião*, a escritura dessa compra, um papel onde fique documentada essa compra. E, assim, tudo se registra: nascimentos, casamentos,

óbitos, nomeações, contratos, etc. Para provar, num processo, qualquer alegação, a *parte litigante* extrai, nesses cartórios, *certidões* do que ali se registou.

A essa instituição chama-se *foro*, que pode ser *civil* ou *criminal*.

Mais, tarde mostraremos a despesa formidável e absolutamente improdutivo exigida por essa máquina de opressão, composta de juizes, advogados, tabeliães, escrivães, escreventes, meirinhos, etc.

VII

41 — A *feição pedagógica* — Compreende-se que, para os possuidores, é de toda importância manter os cidadãos, mormente os trabalhadores proletários, com tal mentalidade, que aceitem, sem revolta, e defendam convencidos o regime social vigente. Por isso, o Estado assume as funções de pedagogo, sobretudo das classes primárias, do povo.

Outro motivo dessa função é a necessidade de formar, para a complicada indústria moderna, operários suficientemente instruídos.

Essa instrução, aliás, embora tendenciosa, vigiada, tem sido a verdadeira arma contrária ao capitalismo, porque facilita a propaganda libertária, podendo os proletários ler os folhetos, livros e jornais anarquistas, compreender os fatos reais da vida e a escravidão do salariado.

(Continúa)

# ANÁLISE BEM FEITA A SUPER-VISÃO DE UM MINISTRO

O *Correio da Manhã* de 8-6-946 publicou uma análise psicológica e tática do Partido Comunista.

O analista é Haroldo Laski, presidente do Partido, laborista inglês, gente grãfina, portanto, no ringue político.

Claro, laboristas e comunistas são brancos e lá se entendem na hora H, na hora D ou qualquer outra.

Entre políticos sempre há entendimentos... e traições. Isso é da essência de todos eles.

Nós, anarquistas, apenas queremos divertir-nos, de palanque, vendendo como se arranjam no jogo de empurrar em que vivem... à custa dos tolos.

Devemos convir que a análise de Laski é magistral. Temos o P. C. aqui pertinho e é só fitar-lhe o frontespício... a máscara... ver-lhe as artimanhas, apreciar as negações, fintas, mexericos do líder-mor e ir espiando a parecença no retrato excelente.

A análise é extensíssima e *Ação Direta* pequenina. Somos assim forçados a resumir os onze tópicos da fotografia.

Laski explica as razões porque não aceita aliança com o Partido Comunista. São onze.

1. O P. T. é democrático, constrói o socialismo por meios constitucionais. O P. C. opina pela instauração de uma ditadura do proletariado. Logo, o P. T. não acredita nos protestos de lealdade às instituições reais feitas pelo P. C.

2. Se o P. C. aceita os princípios do P. T. porque se mantém separado dele? Deveria dissolver-se e aderir aos trabalhadores e seus sindicatos.

3. O P. C. durante anos, atacou o P. T. violentamente. Chamou-lhes *lacaio do capitalismo, social-fascistas, lacaios do imperialismo*. Demais, se penetram em organizações socialistas é sempre para as destruir. Assim têm sempre agido nos sindicatos socialistas.

4. O P. C. tem dupla moral. Acredita que o fim justifica os meios. É uma conspiração organizada. São constante causa de atritos em qualquer movimento, supondo-se a *vanguarda socialista*.

5. O P. C. é fiel somente à Rússia. Apoiou a guerra contra Hitler de 3 de setembro a 7 de outubro de 39; mas, nesse dia, mudaram de opinião, acusando a Inglaterra de promover luta imperialista. A 22 de junho de 1941, Hitler invadiu a Rússia e logo aderiu à guerra total contra o nazismo.

6. Nas últimas eleições inglesas proclamava seu desejo de ver um governo de coalizão sob as

vistas de Churchill quando fora o dissídio deste com o P. T. a causa das eleições.

7. O esforço único do P. C. nos sindicatos e cooperativas inglesas é o de desmoralizar seus líderes para instalar-se nos seus postos exigindo depois indiscutível e absoluta lealdade ao seu Comitê Executivo, sob pena de expulsão. Não admite consciência alguma divergente da do Comitê. Criou, demais, uma intrincada e tortuosa casuística segundo a qual pode pactuar e perjurar, obrigarse e desobrigarse conforme seus próprios interesses.

8. Nenhum interesse por liberdade ou democracia. Só o Partido importa. É tolerante para com os seus e de requintada intolerância com os demais, acusando hoje, ferozmente, os adversários naquilo mesmo que pregava ontem.

9. O P. C. criou numerosas organizações *não partidárias* cujo fim tem sido servir aos seus objetivos embora dissimulando o fim para que se criaram.

10. Se o P. T. aceitasse em suas filas o P. C. cada seção local ia ser teatro de incessante luta contra as imposições ditatoriais dos comunistas e de infundadas intrigas para substituir os candidatos laboristas por comunistas.

11. O P. C. adota qualquer política ditada pela Rússia. Sua única norma de agir é a vontade de Moscou. Sacrificam-lhe tudo: inteligência e consciência. O P. T. não aceita em seus quadros o P. C. por saber que este só se filiaria com o propósito danado de o destruir.

**Comentário nosso.** Quem já leu algum dia as acusações movidas no século 17, em França e alhures, contra os jesuitas, há de por força encontrar semelhança flagrante com as formuladas hoje contra os comunistas.

Lembra-nos uma anedota contada a um companheiro por um frade franciscano.

O ano atrasado, quis o Papa entrar em conchavos com Moscou. Para tanto, expediu uma comissão de beneditinos. Estes voltaram após dois meses, declarando nada haverem visto ou conseguido.

Segunda comissão, de dominicanos, lá se foi e, após três meses, regrediu sem nada haver visto ou conseguido. Moscou fechava-se a setes chaves.

Terceira vez, tentou Sua Santidade o bote; mas, enviou fornida comissão de jesuitas. Esta lá ficou três meses, mais três meses, mais três meses...

— Que teria sucedido? perguntou o papa a sua tiara.

Por vias diplomáticas apurou Sua Santidade o caso... Molotov confessou à pureza que aproveitara os delegados papais para missões de confiança.

Si non è vero...

## Os objetivos da revolução social-libertária

(Conclusão)

seu, interessado em o sustentar, mesmo atentando contra o direito da coletividade.

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo — uma organização social livre, constituída do indivíduo ao grupo, do grupo à Federação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada no livre acôrdo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, idéias e sentimentos dos indivíduos.

Essa, a organização social correspondente ao anarquismo e que poderá garantir a igualdade de condições econômicas.

## Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147. A-2º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

## AINDA SOBRE A GREVE DE SANTOS

Um telegrama do Diário de Notícias de 30 5 946 explicava assim a solução da greve portuária:

«O interventor federal, acompanhado do Secretário de Segurança Pública e de altas autoridades chegou ontem à tarde a Santos. Primeiramente visitou o Posto Municipal dos Bombeiros onde estavam numerosos soldados vindos do Quartel Central de S. Paulo para trabalhar na carga e descarga dos navios. O sr. Macedo Soares percorreu depois toda a extensão do cais, cientificando-se da normalização dos serviços portuários. Mais tarde compareceu no Paço Municipal onde recebeu vários líderes sindicais. O presidente do Sindicato dos Operários dos Serviços Portuários, sr. Benedito Neves, hipotecou solidariedade ao governo, dizendo ainda da satisfação de todos ante as medidas tomadas pelas autoridades e que reconduziriam à normalidade os trabalhos no porto. Terminou fazendo um apelo para que fossem postos em liberdade os estivadores detidos acrescentando que muitos não tinham culpa no ocorrido».

Quadro completo: as altas autoridades comparecem; naturalmente não vêm sozinhas; mandam, na frente, numerosos soldados para garantí-las. Soldado quer dizer, trabalhador inconsciente, a serviço dos ricaços da marca Macedo Soares e prontos sempre a espingardarem os seus companheiros de miséria. Se esses coitados tivessem noção do papel que fazem por ordem das altas

O trabalhador, que desconhece essa história de voto, foi induzido a votar em Dutra. E Dutra, em reconhecimento à obra dos

## MÉTODO DE AÇÃO

O anarquismo tem um método próprio de ação, baseado na livre iniciativa e na solidariedade.

Os "poderes públicos" cedem apenas as liberdades que são tomadas. A lei é inútil, quando não é nociva; fica letra morta, quando registra uma liberdade, se o povo não a defende e usa.

Repudiamos, portanto, a ação eleitoral e parlamentar, que só serve para reforçar o Estado, dar prestígio às velhas instituições autoritárias e adormecer as energias populares.

O nosso método é a *ação direta*, que desde já, ainda na conquista de pequenos melhoramentos atuais, tende a despertar a iniciativa, o espírito de espontaneidade, a decisão, a coragem, ensinando a massa popular a agir por conta própria, a unir-se e a viver sem tutela.

Consideramos como nossa tarefa mais urgente a obra da organização, no campo econômico, com os trabalhadores, e no campo ideológico por meio dos grupos federados entre si, contemporaneamente com o desenvolvimento da propaganda oral e escrita dos nossos princípios contra a ignorância, os preconceitos e os vícios, como preparação da luta decisiva que os oprimidos e espoliados deverão sustentar contra o capitalismo, pelos meios próprios da *ação direta*, levados pela necessidade e pela consciência da própria força.

políticos que lhe fizeram a onda subterrânea até pô-lo no poder, deixou a sorte do trabalhador brasileiro nas mãos do Sr. Negrão de Lima, ministro do trabalho, que entende tanto dos problemas sociais, quanto um padeiro, da composição química do pão.

Eis o que significa o voto! A negação dos direitos individuais! A destruição da personalidade humana!... O suborno da vontade pública! A escola dos políticos profissionais!... A iniquitação dos povos em torno dos líderes e dos chefes que nada vêem além dos próprios interesses!...

Isso foi tema de uma discussão entre jovens anarquistas e alguns pretensos democratas. Discutíamos a notícia dada pelos jornais burgueses — "Para o Sr. Negrão de Lima, duas são as razões fundamentais das faltas dos trabalhadores nas minas, nas fábricas e outros locais de trabalho — o aumento dos salários e o *samba*".

Com efeito, a ignorância, quando não aborta as idéias luminosas, dá luz a monstros e a dardos negros que mais ajudam a obscurecer a inteligência dos incautos.

Saiba o Sr. Ministro que *aumento de salário e samba*, por trás de si, trazem suas condições. E a elas nos deveremos prender se quisermos estudar os problemas com seriedade.

Dizer que os sambas é que fazem os trabalhadores preguiçosos e vagabundos é um disparate tão grande, quanto apontar-se a queda dos corpos como causa da lei de gravidade.

O Sr. Ministro, porém, pensou em solucionar todos os problemas que batem diariamente às portas do presidente Dutra e, assim, fazer uma obra de caridade ao pobre coitado que está com as mãos cheias de "abacaxis".

E pensou:

— Acabando com a exaltação dos sambistas à vagabundagem, os trabalhadores ficarão tristes como um pardal de gaiola, e fatalmente morrerão de tédio.

— Diminuindo o salário, nesta situação em que os alimentos de primeira necessidade estão mais caros do que crepe da China, todos sem dúvida morrerão de fome.

De uma maneira ou de outra, o problema é matar o trabalhador. Matando o trabalhador haverá menos consumidores (!) e acabaremos com a fila do pão; haverá menor afluência à cidade (!) e ficará solucionado o problema da condução; haverá menor número de moradores (!) e as casas que existem abrigarão todas as pessoas; haverá menor número de estudantes e menor número de loucos, menor número de tuberculosos. Se a população decrescer, decrescerão também todas as misérias (!). Haverá menos ladrões, prostitutas, vagabundos... E, por cima, haverá mais vagas na profissão de cozeiro.

É essa a solução apresentada por um Ministro do Trabalho.

E o trabalhador espera, espera, sem, nem ao menos, saber que poderá reagir com suas próprias mãos, deslindando-se para sempre desse tal ministério superlotado de parasitas que vivem do trabalho e da escravização dos outros.

João Luiz Ney

## Administração

1 — *Ação Direta*, semanário anarquista, vive exclusivamente das contribuições assumidas voluntariamente por seus simpatizantes. A Administração pede encarecidamente aos contribuintes já existentes, como aos novos, que fixem sua quota mensal e procurem nem variá-la, nem deixar de enviá-la até o dia 5 de cada mês. A não observância dessas duas condições pode perturbar o andamento de *Ação Direta*.

Tão pronto o número de contribuições ultrapasse as necessidades de *Ação Direta*, empreenderemos a publicação de folhetos e, quase certo, um suplemento cultural (ciência, literatura, música, etc.)

2 — Toda correspondência deve ser enviada para a rua Buenos Aires, 147-A-2.º — Rio de Janeiro.

# DOCUMENTARIO

Constituem lição viva e, só por si, valem um curso inteiro de sociologia libertária.

AÇÃO DIRETA recomenda aos anarquistas em particular e aos trabalhadores em geral que leiam com atenção estes documentos históricos pois resultam de longos debates e estudos dos mais experimentados companheiros de luta.

## O Congresso Anarquista Internacional

Recebemos a 2.ª Circular da Comissão de Iniciativa para preparação do Congresso Anarquista Internacional.

A primeira circular expunha as bases de organização desse congresso com um questionário a todos os grupos e organizações anarquistas do mundo solicitando resposta.

A segunda circular agora já nos fornece, em resumo, as respostas recebidas pela Comissão de Iniciativa inclusive a dos grupos anarquistas do Rio de Janeiro e S. Paulo e, com surpresa nossa, da China.

As respostas são importantes e passamos a resumir as segundo a disposição mesma da Circular.

1. Todos de acordo sobre a necessidade de um Congresso Anarquista Internacional.

2. Há dúvidas quanto ao envio de delegados dadas as grandes despesas e alguns pedem certas explicações mais precisas.

3. Quanto à data, concordam todos em que seja o mais breve possível e alguns querem que coincida com o da Associação Internacional dos Trabalhadores.

4. Quanto ao local, o Brasil

propõe o sul da França e Cuba um país onde haja garantias. A Federação Anarquista Italiana quer França, mas acha difícil por enquanto o congresso dada a penúria de todos no momento.

5. No tocante à escolha da comissão organizadora, todos de acordo com a proposta de S. Paulo de ser a comissão composta de, havendo acordo de três federações: espanhola, francesa e italiana, espanhóis, franceses e italianos os componentes, tanto mais quanto, acrescenta Cuba, estão vizinhos e mais facilmente se locomoverão.

6. Quase todos concordam com a participação dos anarquistas individualistas ao Congresso; mas, a Federação Anarquista Italiana acha que seria verdadeiro desastre o comparecimento de tais companheiros porque iriam lá renovar uma polémica inútil discutindo pontos já superados pelos aderentes ao plano de organização.

7. Chegamos ao ponto de maior divergência: constituição de uma

Federação Anarquista Internacional. Promete ser o mais difícil problema do Congresso. Por um lado, Argentina condena tal criação. Seria um foco de autoritarismo bem possível. Essa Federação arrogar-se ia o direito de representar todo o anarquismo. Farse-ia órgão oficial. Propõe em vez disso a criação de um *Corpo de Relações Internacionais* sem atribuições de organizações, nem representações de setores, com funções meramente informativas, correlacionadoras e auxiliares. O grupo do Rio tem dúvidas sobre tal Federação e lembra que ela exigiria recursos próprios com uma tesouraria, uma contadoria, sede, empregados, etc.. Acha que seria um ponto em que haveria necessidade de discussão prévia.

Entretanto, são dignas de consideração as razões favoráveis emitidas pela Federação Local de Marselha.

Acha muito possível, em qualquer zona da Europa ou alhures uma rebelião popular com tendência libertária. Essa rebelião seria

fatalmente sufocada pelo governo, pois qualquer socorro externo seria moroso e difícil. A existência de uma organização anárquica poderosa, cujo auxílio à rebelião fosse rápido e eficiente poderia tornar a rebelião um foco resistente e capaz de alastrar-se e vencer.

O essencial, pois, está em planejar uma Federação de tal modo que não se possa transformar em órgão autoritário e seja, entretanto, fortemente operante.

Para tal fim, a *Federação Local de Marselha* propõe:

a) estabelecer acordo pleno de todos os anarquistas de várias línguas; b) estudo permanente das condições sociais de cada país onde haja poderoso movimento anarquista e firmar planos de futuras lutas; c) estudar as possibilidades de apoio às organizações incipientes pelas fortes considerando que essas são as mais necessitadas; d) criação de um órgão de propaganda que informe o público do que sucede em cada país relativamente à atividade anarquista; e)

criação de um órgão internacional interno que informe os anarquistas da estrutura, pensamento e atividades dos organismos anárquicos; f) organização de excursões de militantes de país a país de modo que praticamente se inteirem das necessidades, métodos, particularidades de cada qual; g) organização da solidariedade num plano internacional; h) sendo Espanha, França e Itália os países mais passíveis de rebeliões, para esses devemos, desde já, convergir toda ação organizadora com sentido internacionalista.

Termina a circular com as questões apresentadas para Ordem do Dia, três pelo grupo do Rio e oito pela Delegação Espanhola.

Em carta particular, o grupo do Rio recebeu sugestões para solucionar o problema das despesas com o envio de um delegado. Primeiro, o Congresso não se fará senão daqui a muitos meses; segundo, neste intervalo os companheiros do Rio poderão ir juntando o dinheiro necessário.

Lembramos, assim, a criação de uma caixa especial para tal fim.

## O problema brasileiro sob o ponto de vista dos anarquistas

(Conclusão da página 1)

minosa, que os capitalistas aumentem ainda mais os capitais com que tudo conseguem dominar. Aqui, proibiu-se a plantação de café e até as pequenas tiguerras de cana para a rapadura de nossos caboclos tiveram de desaparecer, afim de encarecer o açúcar e proporcionar mais ganho aos ricos. Formaram-se os institutos do café, do açúcar, do cacáu, etc., para que tudo suba de preço, elevando também o custo da vida.

Ao impulso do esforço geral, conseguiram-se grandes progressos materiais; a ciência e a maquinaria puseram ao dispor dos homens toda sorte de possibilidades. Entretanto, tudo, tudo se maneja, se orienta, se movimenta no sentido de atender às conveniências de ganho da minoria que está de posse de todos os meios de produção e da terra.

A produção não se faz para satisfazer as necessidades coletivas, isto é, de cada um dos brasileiros e da nação em geral. Produz-se unicamente como, quanto e quando convém aos capitalistas. Daí, o cenário de chocante contraste que apresenta a vida brasileira. «Possuímos todos os climas e todas as temperaturas, tudo produzindo nossas terras. No curso de rios caudalosos que correm pelas terras brasileiras, despenham-se cachoeiras possantíssimas. Imensas são as nossas florestas, rica a nossa fauna, contendo nossa flora medicinal espécies das mais valiosas. Peixes de variedades incontáveis povoam nossos mares e nossos rios. Guarda nosso subsolo grandes riquezas em minérios, pedrarias, etc. Corta nosso território uma rara rede orográfica. Campos infinitos para pastagens cobrem regiões do centro, do norte e do sul do país».

Tudo isso, e muito mais, possui este Brasil imenso e belo. Grandes são as suas riquezas potenciais e em exploração. Mas a quem todas essas possibilidades beneficiam? Ao povo brasileiro?

Infelizmente, não! Não, porque o Brasil não pertence, efetivamente, a todos os brasileiros. A verdade é bem outra, chocante, mas que ninguém poderá, com acerto, negar. O Brasil pertence, de fato, apenas a uma minoria da sua população. Sim, o Brasil pertence a umas centenas de ricas famílias latifundiárias, fazendeiros, industriais, negociantes e tubarões das finanças, brasileiros e estrangeiros, que vivem, nos centros de produção e também na governação do país, manobrando a engrenagem estatal, diretamente ou por intermédio dos políticos profissionais, que, por sua vez, manobram o burocratismo parasitário.

Desde os seringais da Amazônia até os pampas sulinos, a maioria dos brasileiros, desnutrida pela subalimentação, mal vestida e quase sempre descalça, roída em sua saúde e por toda sorte de endemias, sem nenhuma assistência, mantida na ignorância e privada de qualquer meio de recreação, toda essa multidão sofradora vive a mourejar penosamente nas terras de cultivo, nos campos de criação, nos centros industriais, no comércio, nas galerias do subsolo e no mar, em toda a parte e em todos os misteres para enriquecer e manter na opulência uma pequena classe de abastados.

Enquanto os tubarões das finanças, das indústrias, do comércio e da governação acumulam fortunas colossais à custa do câmbio-negro e de negociatas de toda espécie, explorando a situação tormentosa criada pela guerra, o povo vê a miséria rondar-lhe a porta, em consequência do encarecimento incrível do custo da vida.

Taxaram-se os lucros extraordinários, mas os ex-

pladores do suor do povo continuam acumulando grandes riquezas; aumentaram-se os salários de diversas categorias de trabalhadores, mas os capitalistas fizeram cair esse aumento sobre os preços das mercadorias, tudo encarecendo em proporções inacreditáveis. As condições de vida do trabalhador vão-se tornando, assim, de dia para dia, mais penosas, verdadeiramente assustadoras.

Esta é a situação que, com pequenas variantes de gradações, vem dominando a vida brasileira e que está agora atingindo o paroxismo, em virtude das perturbações acarretadas pela convulsão guerreira, mas cujas consequências apenas o povo sofre, efetivamente.

Que fazer para enfrenta-la? Manter-se e o povo indiferente à sua sorte, deixando-se definir lentamente, sem um gesto de hombridade, sem uma manifestação afirmativa dos seus direitos? Não é possível! Isso seria negar as tradições do povo brasileiro que, não obstante os efeitos atrofiadores da obra danosa da política, dos preconceitos e superstições e das crendices alimentadas por quem tem interesse de dominá-lo, e, apesar de toda a obra embrutecedora a que tem estado submetido, tem dado sobejas provas de sua altivez, de seu brio, de seu idealismo, desde as lutas pela independência, pela abolição da escravidão, para a implantação da República, e, depois, sob este regime, para repelir os atentados contra as liberdades públicas e os direitos individuais e coletivos.

Esse inegável pendor libertário não se tem manifestado tantas vezes, de maneira vigorosa, contra as tiranias com que se tem tentado, de quando em quando, manietá-lo e também em prol de mais amplas prerrogativas político-sociais? Atesta-o a nossa história, em cujas páginas figuram tantos e tantos movimentos de rebelião reivindicadora, bem patenteiam as insopitáveis aspirações dos brasileiros por sempre mais elevados estádios de civilização.

Ainda recentemente foi o Brasil, de extremo a extremo, agitado por um movimento de opinião contra o regime opressivo imperante, instalado e mantido pela ramificação da praga fascista.

Confirmou-se com esse movimento, a tradição honrosa, e os brasileiros, libertos da peçonha reacionária, prosseguem na peleja libertadora, secundado aqui o movimento para serem esmagadas as hordas nazi-fascistas e se preparar o terreno para que um mundo melhor possa surgir amanhã.

Urge, pois, intensificar essa luta, com decisão e firmeza, com orientação segura e precisa, para libertar o Brasil, de uma vez para sempre, dos elementos reacionários, que não cessam de criar impeditivos aos anseios libertários do povo brasileiro, exercendo toda a sorte de tropelias, de perseguições e de violências, transformando decretos-leis em medidas de arrocho e opondo barreiras às iniciativas tendentes a beneficiar os trabalhadores.

É necessário levar adiante a campanha destinada a libertar de vez a vida brasileira dessa gente que, pelo seu espírito atrasado e incapaz de compreender as exigências do progresso, e, ainda, pela sua ambição do mando e de ganho, se adapta a todas as situações para, de qualquer forma, impor a prevalência de seus interesses particulares, em detrimento da causa do povo.

Pretender manter o Brasil à margem desse movimento seria lançar uma afronta aos brigs do povo brasileiro, julgando-o incapaz de assimilar os princípios so-

ciais transformadores que constituem a preocupação predominadora do momento, em todo o mundo.

Já experimentamos todas as normas de organização político-econômicas cabíveis dentro das bases da atual sociedade capitalista. Vimos desde o regime colonial — dominador e opressivo, — e, passando pela monarquia — estática e temporizadora, — chegamos à República, que, desde 89 até o presente, vem buscando, com constantes reformas, firmar uma estrutura que a possa estabilizar. Baldadas, porém, tem sido as lutas sustentadas nesse sentido e baldadas continuarão a ser, enquanto não se compreender que é preciso corajosamente enfrentar a solução radical do problema, que deve ser bu cada nos fundamentos da organização republicana e não apenas em detalhes administrativos, nem tão pouco nas falhas de atuação de seus dirigentes.

É que a República ainda não se fez verdadeiramente república, isto é, não fez o que possa representar, em sua estrutura e em seu funcionamento, aquilo que está contido na significação etimológica dessa palavra: coisa pública, coisa do povo, portanto, coisa de todos e de cada qual sobre si mesmo, e, na vida coletiva, administração das coisas e não domínio de estado-povo, triturador da liberdade individual e sugador do produto do esforço da comunidade. Ninguém deve hesitar ante esta verdade: a origem da miséria, da insegurança e da inquietação de todos os brasileiros está no monopólio, pelos capitalistas, da riqueza produzida diretamente e efetivamente pelo povo trabalhador, que, no entanto, constitui a classe pobre, sujeita a todas as agruras da escassez do mais essencial à vida.

Evidencia-se, conseqüentemente, que a única solução para o problema político-social brasileiro, e, aliás, para os demais povos, como o nosso, sujeitos à mesma crise, será substituir o regime de privilégios dominante que concede aos capitalistas, senhores de todos os meios de produção, o direito de vida e de morte sobre o trabalhador. Torna-se indispensável organizar a sociedade brasileira de maneira que a terra e os instrumentos de produção sejam postos, como patrimônio comum, ao serviço da produção destinada a satisfazer as necessidades coletivas e não as ambições de riquezas da minoria capitalista. É preciso assentar a organização do Brasil de forma que assegure a cada brasileiro o seu desenvolvimento integral e o bem estar à coletividade, uma organização que considere o indivíduo como sua unidade essencial e que, repudiando todas as normas totalitárias e ditatoriais, seja baseada no livre consenso, determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, idéias e sentimentos de cada qual, dentro de uma vasta confederação socialista libertária de comunas livres, estruturadas pelas federações profissionais, técnicas, científicas, artísticas, culturais, recreativas, etc.

Para essa finalidade vem caminhando a humanidade e tudo faz esperar que o reajustamento do mundo, após este período de transição, terá de ser feito dentro dessas novas normas de convivio social.

Sómente assim poderá ser solucionado o problema brasileiro. E, se isso se fizer, desaparecerão as causas das misérias e opressões que a todos atormentam e haverá possibilidade do povo desta terra, irmanado numa grande família, passar a viver num regime em que o bem-estar e a liberdade constituirão a norma comum da vida.

Assim pensam os anarquistas e por isso sempre lutaram e continuam a lutar.